

FAUNA TRIATOMINAE DO ESTADO DA BAHIA, BRASIL

VI — PREVALÊNCIA GEOGRÁFICA DA INFECÇÃO DOS TRATOMÍNEOS POR *T. CRUZI*

Italo A. Sheriock e Elizete M. Serafim

*Durante os anos de 1957 a 1971 foram coletados 35.588 triatomíneos em domicílios de 11.045 localidades do Estado da Bahia. Entre 29.156 exemplares examinados, 2.354 estavam infectados por tripanosomas do tipo *T. cruzi* (8%). Entretanto o índice de infecção natural variou de 0 a 100%, dependendo da espécie do triatomíneo e da localidade em que foi coletado. A maioria das localidades com triatomíneos infectados abrangeu aquelas infestadas por *P. magistus*, e estavam distribuídas com maior densidade no litoral norte do Estado. A espécie de triatomíneo que acusou maior índice de infecção global foi *P. megistus* (11,4%), vindo em seguida *T. infestans* (3,4%) e *T. brasiliensis* (3%). *T. rubrofasciata*, embora com índice de infecção elevado, foi considerada sem importância, desde que na maior parte era infectada por *T. conorhini*.*

*Os Autores julgam que só o encontro de triatomíneos infectados justifica a ação profilática, pois traduz a existência simultânea de portadores humanos de *T. cruzi*. Chamam a atenção para a importância da disseminação intensa de *T. infestans* no Estado da Bahia, em vista dos hábitos hematofágicos acentuadamente antropofílicos dessa espécie, ao lado de sua elevada susceptibilidades para infectar com *T. cruzi* e capacidade de rápida proliferação e colonização intradomiciliar.*

Do ponto de vista prático, a infecção do triatomíneo pelo *T. cruzi* continua sendo o melhor indicador da existência de hospedeiros vertebrados portadores da tripanosomose coexistindo no mesmo ecótopo. Por esse caminho é possível estabelecermos a distribuição geográfica e a prevalência da doença de Chagas.

Aqui, apresentamos os resultados que obtivemos com o exame de triatomíneos coletados na Bahia, durante mais de dez anos de observações. Julgamos que os flagelados que foram vistos estarem infectando os triatomíneos considerados neste trabalho,

representavam na quase totalidade o *T. cruzi*. Certamente, a infecção compreendia diversas raças do parasita, com diferentes virulências, entretanto, provavelmente possíveis de provocarem o quadro clínico descrito por Chagas em 1909. São portanto esses dados os subsídios básicos para a delimitação e a prevalência geográfica dessa doença no Estado da Bahia.

MATERIAL E MÉTODOS

Desde 1957, vimos examinando os triatomíneos coletados no Estado da Bahia

(*) Trabalho do Núcleo de Pesquisas de Bahia de INERU — FIOCRUZ, com ajuda do Conselho Nacional de Pesquisas.

obtidos principalmente em levantamentos intradomiciliares conforme já salientamos, em trabalho anterior (9). Até o ano de 1971, foram coletados 35.588 exemplares de triatomídeos de diversas espécies e dentre esses, 29.156 puderam ser examinados para flagelados.

O método de exame constou, quase exclusivamente, da compressão do abdome do inseto e obtenção das fezes para a pesquisa a fresco de flagelados. Com esse método, infelizmente, muitas infecções podiam passar despercebidas, o que certamente baixou o índice real de infecção natural dos triatomíneos que se poderia ter obtido para o Estado. Era impraticável entretanto a realização do método de extração do tubo digestivo do hemíptero, em vista do grande volume de material a ser examinado.

Também infelizmente, mais impraticável era a verificação rotineira da virulência das cepas do flagelado das inúmeras providências, através da inoculação em animais de laboratório. Poucas vezes isso foi realizado, porém nessas, os resultados sempre confirmaram a patogenicidade do tripanosoma.

O aspecto morfológico do flagelado foi inúmeras vezes observado nos esfregaços corados das fezes dos triatomíneos. A morfologia observada jamais deixou dúvida para não identificar o flagelado como do tipo *T. cruzi*, nunca sendo levantada a hipótese de tratar-se de um outro tripanosoma. Exceção foi feita quando trabalhamos com *Triatoma rubrofasciata*, a qual entretanto já sabíamos poder também estar infectada com o *Tripanosoma conorhini* (4-6).

A pesquisa de flagelados no conteúdo intestinal do triatomíneo é fácil de ser realizada. Comprime-se o abdome do inseto e as fezes expelidas são misturadas com uma gota de solução salina e recobertas com laminula. O material preparado na lâmina a fresco pode ser preservado em câmara úmida por muitas horas, período em que a maioria dos tripanosomas ainda se mantem viva. Os tripanosomas bastante ativos e com movimentos chicoteantes, podem ser detectados ao microscópio com facilidade. Quando desejávamos obter preparações definitivas, retirávamos a laminula e o material era misturado com uma gota de soro sanguíneo e depois fixado e corado da maneira habitual.

RESULTADOS

Na Tabela I mostramos o total de 35.588 triatomíneos que foram coletados em domicílios de 11.045 localidades do Estado da Bahia. Desses triatomíneos, 29.156 exemplares foram examinados, entre os quais 2.354 estavam infectados por flagelados, dando portanto um percentual global de 8% de infecção, durante os anos de 1957 a 1971.

Na Tabela II e Figuras 1 a 3 apresentamos as localidades do Estado onde se investigou a infecção dos triatomíneos nesses anos e a distribuição geográfica da infecção de acordo com a espécie de triatomíneo.

Pode-se observar nas Tabelas I e II que os índices de triatomíneos positivos variaram de 0 a 100%, dependendo da espécie do triatomíneo e da localidade em que foram coletados. Alguns índices mencionados entretanto não podem ser levados em consideração, devido a não haver amostras com bases estatísticas significantes.

O que se pode verificar é que a maior parte das localidades com triatomíneos infectados abrange aquelas infestadas pelo *P. megistus*. Essa prevalência é mais densa no litoral norte desse Estado, zona denominada de "recôncavo baiano".

Na Figura 3 são selecionadas as localidades com índices de infecção mais expressivos. Para isso, foram tomadas em consideração aquelas localidades de onde examinamos mais de vinte triatomíneos e os índices de infecções atingiram taxas de 10% a mais. Algumas dessas localidades agora já sabemos terem realmente elevados índices de incidência de casos humanos de doença de Chagas e trataremos desse assunto em trabalho futuro. Contudo, através desses dados sobre os triatomíneos já é possível deduzirmos a prevalência da doença por zonas e a real importância das espécies do hemíptero como transmissores da tripanosomose de Chagas na Bahia.

A espécie que acusou maior índice de infecção foi o *P. megistus*, com uma taxa global de 11,4%, sendo por isso considerada a espécie vetora mais importante neste Estado. Vem em seguida *T. infestans* (3,4%) e *T. brasiliensis* (3,0%). *T. rubrofasciata* com o índice de 15,8% de infecção não tem entretanto muita importância epidemioló-

gica como vetora do *T. cruzi* para o homem, visto se infectar mais comumente com o *T. conorhini* e preferir alimentar-se em ratos (4-6). *T. sordida*, embora muito numerosa aparece com um índice global de 1,3% de infecção e jamais atingiu, em qualquer localidade, o índice de 20% de infecção. Os índices globais de infecção para *T. maculata* e *T. pseudomaculata* foram insignificantes (0,3%).

COMENTÁRIOS E CONCLUSÕES

Pode-se considerar o índice de infecção global de 8% bastante elevado, se atentarmos para o fato da extensão da área do Estado que se investigou e por isso estar essa taxa diluída.

Infelizmente o sul do Estado foi pouco investigado para triatomíneos. Pensamos ser de grande importância conhecer essa situação em tal zona, em vista das proximidades com o Estado de Minas Gerais, onde *T. infestans* predomina. Sobre esse aspecto, mais adiante nos deteremos com maiores detalhes.

As espécies de triatomíneos examinadas em maior número, correspondem as que realmente são mais prevalentes no Estado, conforme já salientamos em trabalho anterior (9). Conforme também já citamos, as espécies encontradas com maiores índices de infecção para *T. cruzi* foram *T. megistus*, *T. infestans*, *T. brasiliensis* e *T. sordida*.

Não podemos deixar fora da mente a importância epidemiológica que também podem ter aquelas espécies de triatomíneos que são mais encontradas nos ambientes silvestres ou extradomiciliares, como *T. pes-soai* e *T. lenti*, mas que também podem ser encontradas no interior das habitações humanas. Essas espécies de triatomíneos nos ecótopos naturais extradomésticos, geralmente albergam elevados índices de infecções pelo *T. cruzi*, e são provavelmente importantes elos entre a tripanosomose silvestre e a doméstica (2).

No nosso modo de pensar, o grande número de localidades onde encontramos triatomíneos infectados parece indicar haver uma extensa área de distribuição da doença de Chagas no Estado.

Agora já sabemos que a presença de triatomíneo no domicílio está em regra ge-

ral associada à sua infecção pelo *T. cruzi* e isso significa quase sempre a existência da infecção na população humana. Pelo menos, é o que se pode deduzir de observações já realizadas.

Pondé e cols. (7) examinaram 150 pessoas de 1 a 15 anos que habitavam casas com triatomíneos infectados na Bahia. Entre as 146 fixações de complemento que realizaram nesses indivíduos, obtiveram 35 positivos (23,1%). O xeno feito em 34 desses positivos demonstrou tripanosomas em 15 pacientes (44,1%).

Segundo Leal Costa (4), durante os anos de 1948 a 1952, Mangabeira realizou na Bahia 2.208 reações de fixação de complemento e entre elas encontrou 690 reações positivas (31,3%). Entre os 1.022 xeno diagnósticos realizados, 178 foram positivos (17,4%). Das reações de fixação de complemento, 146 positivas eram de crianças de idade escolar de Salvador e entre estas, em seis o parasita foi demonstrado através do xenodiagnóstico. Os levantamentos sobre triatomíneos realizados na mesma época por Mangabeira nessa cidade, acusaram então uma elevada infestação dos domicílios pelo *P. megistus*, assim como a infecção destes pelo *T. cruzi*.

Ferreira, em 1958 (5), ao tratar da epidemiologia da doença de Chagas na Bahia, informou que, entre 78 municípios examinados para triatomíneos, apenas três foram negativos. Salientou que de 1948 a 1957 foram realizados 8.411 reações sorológicas para doença de Chagas que acusaram 25% de resultados positivos, enquanto que 287 xenodiagnósticos mostraram 29 positivos, ou aproximadamente 10%. Acha provável que parte dos doentes tenha se infectado no interior do Estado. Chama a atenção para "as mortes do coração, o mal de esgaso, o retardado desenvolvimento mental de vasta área do nosso interior sem recursos médicos para verificação correta de sua etiologia, serão ocorrências não em áreas potenciais mas certamente em áreas onde atualmente o fator doença de Chagas representa problema sócio-econômico de primeiro plano".

Pelos dados expostos, vemos que são constantes as correlações entre a densidade da infestação por triatomíneos e sua infecção por tripanosomas e a infecção humana.

Para reforçar a importância dessas correlações, citamos Silva (10), que comparou as lesões cardíacas em indivíduos infectados de famílias de Salvador e concluiu que "...o desenvolvimento de manifestações crônicas de morbidade, particularmente da miocardiopatia crônica depende essencialmente da intensidade de exposição à infecção a que foram submetidos os indivíduos em áreas endêmicas". Um dos fatores de "intensidade de exposição" levado em conta por esse Autor é a densidade de triatomíneos e seu índice de infecção pelo *T. cruzi*.

Já Bustamante, em 1957 (3) parece ter dúvidas de se deve a indicação da profilaxia ser relacionada só com base na existência de triatomíneos, ou necessariamente também com as cardiopatias. Argumenta que em localidades do Rio Grande do Sul, onde 19,62% da população tinha reações de fixação de complemento positivas, os eletrocardiogramas dessas mesmas pessoas não demonstraram sinais indicativos de cardiopatia chagásica. Provavelmente os fatos mencionados por Bustamante são ocorrências especiais, ligadas a fatores epidemiológicos ainda não esclarecidos. Não quer contudo isso significar que os casos infectados sem distúrbios eletrocardiográficos não possam vir a desenvolver as suas cardiopatias, a não ser que condições especiais assim o determinem, como por exemplo, a existência de raças avirulentas do *T. cruzi* ou outros fatores que ainda desconhecemos.

Ao lado dos levantamentos sobre triatomíneos deveriam também ser realizados os da prevalência da morbidade da infecção chagásica, para que, não havendo condições econômicas de realizar-se uma ação profilática global, as medidas de combate aos vetores pelo menos fossem dirigidas em caráter preferencial para as áreas de maior importância mórbida.

Entretanto o ideal será que, sabendo-se ou não da presença de pessoas infectadas, albergando ou não sinais de cardiopatias, desde que exista densidade significativa de triatomíneos vetores, o combate ao inseto deve ser realizado. Somente estes, ao nosso ver, são sinônimos de ocorrência de doença de Chagas.

Um dado prático e importante a saber é o referente a espécie de triatomíneo. Há

alguns anos atrás, as espécies de triatomíneos assinaladas para o Oeste do Estado não eram as mesmas de agora e que sabemos terem maior importância como transmissoras do *Trypanosoma cruzi*. A espécie que principalmente ocorria nessa área era *T. sordida*, cujos hábitos, embora os de colonização domiciliar sejam bastante acentuados, os de hematofagismo não são tão antropofílicos. Esta espécie é comumente encontrada em galinheiros e prefere alimentar-se de sangue de aves. Pequena importância tem, portanto, pelo menos com referência à transmissão direta do parasita para o homem.

Ultimamente *T. infestans* tem invadido a região Oeste do Estado e já podemos observar as conseqüências de sua presença, que se traduz pelo índice de mais de 20% de sua infecção pelo *T. cruzi*. Anteriormente, como se pode verificar pelos trabalhos publicados (1-3), o índice de infecção dos triatomíneos nessa região era bem baixo, quando era devido a *T. sordida*. Esta espécie mantinha, provavelmente, uma fraca transmissão entre os mamíferos, explicável pela sua preferência ao sangue das aves, as quais não são hospedeiras do *T. cruzi*. Com base nesses fatos, é que pensamos estar havendo um transporte recente do *T. cruzi* pelo *T. infestans*, do peridomicílio para o interior do mesmo. E assim, o índice de infecção pelo *T. cruzi* no domicílio que era mantido em baixos níveis, agora com a invasão de *T. infestans*, está criando o risco de elevar-se e tornar a região numa vasta área com elevado grau de incidência da tripanosomose.

Fato que merece destaque é o de que, até 1972, a área de ocorrência de *T. infestans* não infectado ainda era maior de que a área desse mesmo triatomíneo infectado, o que parece demonstrar a sua penetração recente no território baiano. *T. infestans*, que praticamente inexistia no mapa do Estado da Bahia, está disseminando-se assustadoramente. Isso é muito importante pois ao lado dos seus hábitos hematofágicos acentuadamente antropofílicos, também se alimenta em larga faixa de mamíferos que são potenciais reservatórios de *T. cruzi*. Devido a sua elevada susceptibilidade para infectar-se com diversas cepas de flagelado (8), a sua capacidade de rápida proliferação e colonização domiciliar tornam as perspectivas

sombrias, para que em futuro próximo possamos ter, provavelmente, um aumento da prevalência da doença de Chagas no Es-

tado da Bahia, a não ser que medidas de combate adequadas e continuadas sejam o mais cedo possível levadas a efeito.

SUMMARY

In the period 1957-1971 surveys for triatominae bugs were made in 889,972 dwellings among 11,045 different localities throughout the State of Bahia, Brazil. 35,588 bugs were collected and among 29,156 examined, 2,354 (8%) were infected with trypanosomes considered to be T. cruzi. However, rates of natural infection varied from 0-100% according to species and localities. The highest rates of natural infection were found among P. megistus in the northern littoral areas of the State. Overall rates of infection by species were: P. megistus, 11.4%; T. infestans, 3.4%; T. brasiliensis, 3%. T. rubrofasciata were found often infected with T. conorhini but were not considered important as carriers of T. cruzi.

The Authors consider that the presence of infected domiciliated bugs in the areas investigated implies active transmission of T. cruzi, and that vector control measures should be undertaken.

The active spread of T. infestans in the State of Bahia is emphasized as a matter for particular concern, in view of this species susceptibility to infection, its anthropophilic habits and its capacity to colonize rapidly and establish high rates of infestation.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARAGÃO, J. M. B. de, AGUIRE, G. H., LEAL, J. M. & SERAFIM, E. M. — Contribuição ao conhecimento da distribuição geográfica dos triatomíneos domiciliares e seus índices de infecção natural pelo *Schizotrypanum cruzi* no Estado da Bahia. Rev. Brasil. Malar. D. Trop. 7: 409-421, 1955.
2. BARRETO, M. P. — Reservatórios e vetores de *Trypanosoma cruzi* no Brasil. Arq. Hig. Saúde Públ. (São Paulo) 28: 43-66, 1963.
3. BUSTAMANTE, F. M. — Distribuição geográfica dos transmissores da doença de Chagas no Brasil e sua relação com certos fatores climáticos. Epidemiologia e profilaxia da enfermidade. Rev. Brasil. Malar. D. Trop. 9: 191-212, 1957.
4. COSTA, A. L. — Triatomíneos e tripanosomas por eles veiculados em Zona Central da cidade de Salvador, Bahia. Tese. Fac. Med. Univ. Bahia. 81 pp, 1955.
5. FERREIRA, M. — Epidemiologia da doença de Chagas na Bahia. Bol. Hosp. Clínicas Fac. Med. Univ. Bahia. 4: 2-11, 1958.
6. LEAL, J. M., SHERLOCK, I. A. & SERAFIM, E. M. — Observações sobre o combate aos triatomíneos domiciliares com BHC em, Salvador, Bahia, Rev. Brasil. Malar. D. Trop. 17: 65-73, 1965.
7. PONDÉ, A. et Allí — A Doença de Chagas na Bahia. Arquivo da Universidade da Bahia, Faculdade de Medicina. 1: 333-456, 1947.
8. SHERLOCK, I. A. & ALMEIDA, S. P. — Diferença de Susceptibilidade a Infecção com *T. cruzi* entre espécies de triatomíneos alimentados em cão, tatu e camundongos infectados. Rev. Soc. Brasil. Med. Trop. 7: 87-98, 1973.
9. SHERLOCK, I. A. & SERAFIM, E. M. — Fauna Triatominae do Estado da Bahia, Brasil. I — As espécies e distribuição geográfica. Rev. Soc. Brasil. Med. Trop. 6: 263-289, 1972.
10. SILVA, G. R. da — Doença de Chagas em famílias de duas áreas restritas da cidade do Salvador, Bahia. Tese Faculdade Med. Univ. S. Paulo. 125 pp, 1966.

TABELA I

PREVALÊNCIA DA INFECÇÃO NATURAL POR *T. CRUZI*, SEGUNDO AS ESPÉCIES DE TRIATOMÍNEOS NO ESTADO DA BAHIA, NOS ANOS DE 1957 A 1971.

ESPÉCIES	Número de exemplares coletados	Número de exemplares examinados	Número de exemplares positivos	% de infecção natural
<i>Panstrongylus megistus</i>	22.122	18.480	2.111	11,4
<i>Triatoma sordida</i>	9.014	7.216	92	1,3
<i>Triatoma maculata</i>	894	624	2	0,3
<i>Triatoma infestans</i>	1.271	949	32	3,4
<i>Triatoma brasiliensis</i>	1.705	1.344	40	3,0
<i>Triatoma lenti</i>	56	43	2	4,7
<i>Triatoma rubrofasciata</i>	474	456	72	15,8
<i>Triatoma pessoai</i>	52	44	3	7,0
T O T A L	35.588	29.156	2.354	8,0%

TABELA II

INDICES DE INFECÇÃO NATURAL POR *T. CRUZI*, SEGUNDO AS ESPÉCIES DE TRIATOMÍNEOS E MUNICÍPIOS DO ESTADO DA BAHIA.

Nº de ordem	Municípios	Espécies	Número de triat. exam.	Número de triat. posit.	% de infecção natural
1	Acajutiba	<i>P. megistus</i>	15	0	0,0
2	Água Fria	<i>P. megistus</i>	29	0	0,0
3	Aiquara	<i>P. megistus</i>	12	0	0,0
4	Alagoinhas	<i>P. megistus</i>	246	33	13,4
5	Amargosa	<i>P. megistus</i>	38	0	0,0
6	Amélia Rodrigues	<i>P. megistus</i>	33	0	0,0
7	Andaraí	<i>T. sordida</i>	16	0	0,0
	"	<i>P. megistus</i>	8	0	0,0
8	Angical	<i>T. infestans</i>	58	14	24,0
	"	<i>T. sordida</i>	17	4	23,5
9	Anagé	<i>Ps. tertius</i>	21	0	0,0
	"	<i>T. sordida</i>	8	0	0,0
10	Anguera	<i>P. megistus</i>	23	0	0,0
11	Antônio Cardoso	<i>P. megistus</i>	38	2	5,3
12	Antônio Gonçalves	<i>P. megistus</i>	48	2	4,2
13	Aporá	<i>P. megistus</i>	150	5	3,3
	"	<i>P. megistus</i>	2	0	0,0
14	Araci	<i>P. megistus</i>	10	0	0,0
	"	<i>T. maculata</i>	12	0	0,0
	"	<i>T. melanocephala</i>	1	0	0,0
15	Aratuípe	<i>P. megistus</i>	66	2	3,0
16	Baixa Grande	<i>P. megistus</i>	164	0	0,0
17	Barra	<i>T. sordida</i>	98	9	15,5
18	Barra da Estiva	<i>T. sordida</i>	12	0	0,0
19	Barreiras	<i>T. sordida</i>	34	0	0,0
	"	<i>T. infestans</i>	21	5	23,8
20	Boa Vista do Tupim	<i>T. sordida</i>	5	0	0,0
21	Bom Jesus da Lapa	<i>T. sordida</i>	401	4	1,0
	" " "	<i>T. infestans</i>	32	0	0,0
	" " "	<i>T. sordida</i>	2	0	0,0
22	Boninal	<i>T. infestans</i>	51	0	0,0
23	Boquira	<i>T. infestans</i>	16	1	6,3
24	Brejões	<i>P. megistus</i>	16	0	0,0
25	Brejolândia	<i>T. sordida</i>	16	0	0,0
26	Brotas de Macaúbas	<i>T. sordida</i>	131	0	0,0
	" " "	<i>T. lenti</i>	6	1	16,0
	" " "	<i>T. pessoai</i>	11	1	10,0
	" " "	<i>T. infestans</i>	114	0	0,0
27	Brumado	<i>T. sordida</i>	29	0	0,0
28	Cachoeira	<i>P. megistus</i>	490	107	21,8
29	Caculé	<i>T. sordida</i>	20	0	0,0
30	Caen	<i>P. megistus</i>	28	4	14,3
31	Caetité	<i>T. sordida</i>	4	0	0,0
	"	<i>Ps. tertius</i>	31	0	0,0
32	Cafarnaum	<i>P. megistus</i>	148	5	3,4
	"	<i>T. sordida</i>	6	0	0,0
	"	<i>T. maculata</i>	2	0	0,0
33	Caldeirão Grande	<i>P. megistus</i>	1	0	0,0
34	Campo Alegre de Lourdes	<i>T. sordida</i>	20	0	0,0
35	Cambo Formoso	<i>P. megistus</i>	136	15	11,0
36	Canapolis	<i>T. sordida</i>	6	0	0,0
37	Canaveiras	<i>P. megistus</i>	7	3	43,0
38	Candeias	<i>P. megistus</i>	184	42	22,8
39	Candeal	<i>T. maculata</i>	1	0	0,0
40	Candiba	<i>T. infestans</i>	74	0	0,0
41	Cansanção	<i>T. brasiliensis</i>	3	1	33,3
42	Cardeal da Silva	<i>P. megistus</i>	2	0	0,0
43	Casa Nova	<i>T. brasiliensis</i>	16	0	0,0
44	Castro Alves	<i>P. megistus</i>	232	29	12,5
45	Catú	<i>P. megistus</i>	122	27	22,1
46	Central	<i>T. sordida</i>	87	0	0,0
47	Cipó	<i>T. maculata</i>	2	0	0,0

TABELA II (continuação)

Nº de ordem	Municípios	Espécies	Número de triat. exam.	Número de triat. posit.	% le infecção natural
48	Conceição de Feira	<i>P. megistus</i>	70	2	3,0
49	" do Almeida	<i>P. megistus</i>	573	63	11,0
50	" " Coité	<i>P. sordida</i>	2	0	0,0
	" " "	<i>T. maculata</i>	1	0	0,0
51	" " Jacuípe	<i>P. megistus</i>	295	17	5,8
52	Conde	<i>P. megistus</i>	138	14	10,0
53	Contendas	<i>T. infestans</i>	149	2	1,3
54	Coração de Maria	<i>P. megistus</i>	206	22	10,7
55	Coribe	<i>T. sordida</i>	38	4	10,5
56	Correntina	<i>P. brasiliensis</i>	212	0	0,0
	"	<i>T. sordida</i>	86	0	0,0
	"	<i>T. infestans</i>	22	2	1,0
57	Cotegipe	<i>T. sordida</i>	5	0	0,0
	"	<i>T. infestans</i>	20	0	0,0
58	Cravolândia	<i>P. megistus</i>	43	0	0,0
59	Crisópolis	<i>T. maculata</i>	2	0	0,0
60	Cruz das Almas	<i>P. megistus</i>	436	36	8,3
61	Curaçá	<i>T. sordida</i>	308	0	0,0
	"	<i>T. brasiliensis</i>	97	2	2,1
	"	<i>T. maculata</i>	1	1	100,0
62	Don Macedo Costa	<i>P. megistus</i>	81	5	6,2
63	Elisio Medrado	<i>P. megistus</i>	120	10	8,3
64	Entre Rios	<i>P. megistus</i>	261	66	25,3
65	Esplanada	<i>P. megistus</i>	60	22	36,7
66	Euclides da Cunha	<i>P. megistus</i>	93	5	5,4
67	Feira de Santana	<i>P. megistus</i>	516	18	3,5
	" "	<i>P. lutzii</i>	5	0	0,0
68	Glória	<i>T. brasiliensis</i>	1	0	0,0
	"	<i>T. maculata</i>	1	1	100,0
69	Gov. Mangabeira	<i>P. megistus</i>	327	35	10,0
70	Guanambi	<i>T. infestans</i>	85	0	0,0
	"	<i>T. sordida</i>	128	0	0,0
71	Iaçu	<i>Ps. tertius</i>	9	0	0,0
72	Ibicuí	<i>T. sordida</i>	56	0	0,0
73	Ibipeba	<i>T. sordida</i>	8	0	0,0
74	Ibiquera	<i>P. megistus</i>	12	0	0,0
75	Ibititá	<i>T. infestans</i>	3	0	0,0
	"	<i>T. sordida</i>	1	0	0,0
76	Ibotirama	<i>T. sordida</i>	62	0	0,0
77	Igaporã	<i>T. sordida</i>	72	10	14,0
78	Inhambuque	<i>P. megistus</i>	225	27	12,0
79	Ipirá	<i>P. megistus</i>	397	22	5,5
80	Ipupiara	<i>T. lenti</i>	2	1	50,0
	"	<i>T. sordida</i>	189	22	11,6
	"	<i>T. pessoai</i>	25	2	8,0
81	Irecê	<i>T. sordida</i>	196	0	0,0
	"	<i>T. maculata</i>	8	0	0,0
82	Iraquara	<i>P. megistus</i>	2	2	100,0
	"	<i>T. sordida</i>	43	4	9,3
83	Iramaia	<i>T. infestans</i>	4	0	0,0
84	Irará	<i>P. megistus</i>	479	29	6,1
85	Itaberaba	<i>P. megistus</i>	379	28	7,3
86	Itaite	<i>T. sordida</i>	12	0	0,0
87	Itagi	<i>T. sordida</i>	2	0	0,0
	"	<i>P. megistus</i>	1	0	0,0
88	Itamarí	<i>P. megistus</i>	108	0	0,0
89	Itanagra	<i>P. megistus</i>	70	17	24,3
90	Itaparica	<i>P. megistus</i>	67	2	3,0
91	Itapicuru	<i>T. maculata</i>	20	0	0,0
92	Itaquara	<i>P. megistus</i>	2	0	0,0
	"	<i>T. melanocephala</i>	4	0	0,0
	"	<i>P. genticulatus</i>	2	0	0,0
93	Itirucu	<i>P. megistus</i>	38	1	2,6
94	Itiúba	<i>P. megistus</i>	62	4	6,5
95	Ituaçu	<i>P. megistus</i>	1	0	0,0
	"	<i>T. sordida</i>	19	0	0,0
	"	<i>P. melanocephala</i>	19	0	0,0

TABELA II (continuação)

Nº de ordem	Municípios	Espécies	Número de triat. exam.	Número de triat. posit.	% le infecção natural
96	Jacaraci	<i>T. infestans</i>	11	0	0,0
97	Jacobina	<i>T. sordida</i>	864	0	0,0
	"	<i>P. megistus</i>	934	23	2,5
	"	<i>T. maculata</i>	79	0	0,0
98	Jaguaquara	<i>P. megistus</i>	17	2	11,8
	"	<i>Ps. tertius</i>	8	0	0,0
99	Jaguarari	<i>P. megistus</i>	1	0	0,0
100	Jaguaripe	<i>P. megistus</i>	14	4	28,6
101	Jandaira	<i>P. megistus</i>	6	1	16,7
102	Jequié	<i>P. megistus</i>	19	0	0,0
	"	<i>T. sordida</i>	45	0	0,0
103	Jeremoabo	<i>P. megistus</i>	1	0	0,0
	"	<i>T. brasiliensis</i>	2	0	0,0
104	Jequiriçá	<i>P. megistus</i>	59	12	20,3
105	Juazeiro	<i>T. brasiliensis</i>	18	0	0,0
	"	<i>T. sordida</i>	1.158	0	0,0
106	Jussara	<i>T. sordida</i>	117	6	5,1
107	Jussiape	<i>T. sordida</i>	6	0	0,0
108	Lafaiete Coutinho	<i>P. megistus</i>	36	3	8,3
109	Lage	<i>P. megistus</i>	47	0	0,0
110	Lagedinho	<i>P. megistus</i>	8	0	0,0
111	Lamarão	<i>P. lutzi</i>	3	0	0,0
	"	<i>T. maculata</i>	4	0	0,0
	"	<i>T. melanocephala</i>	2	0	0,0
112	Lençóes	<i>P. megistus</i>	69	2	3,0
	"	<i>T. sordida</i>	6	0	0,0
113	Livramento do Brumado	<i>T. sordida</i>	78	0	0,0
114	Macaíjuba	<i>P. megistus</i>	91	3	3,3
115	Macaúbas	<i>T. sordida</i>	122	5	4,1
	"	<i>T. lenti</i>	35	0	0,0
	"	<i>T. pessoai</i>	8	0	0,0
	"	<i>T. infestans</i>	17	0	0,0
116	Mairi	<i>P. megistus</i>	75	10	13,3
117	Malhada	<i>T. sordida</i>	6	0	0,0
118	Malhada de Pedra	<i>T. sordida</i>	4	0	0,0
119	Maragogipe	<i>P. megistus</i>	408	81	20,0
	"	<i>Ps. tertius</i>	3	0	0,0
120	Mata de São João	<i>P. megistus</i>	122	35	28,7
121	Miguel Calmon	<i>P. megistus</i>	93	18	19,4
122	Mirangaba	<i>P. megistus</i>	453	5	1,1
	"	<i>T. sordida</i>	14	0	0,0
	"	<i>T. maculata</i>	245	0	0,0
123	Mundo Novo	<i>P. megistus</i>	18	6	22,2
124	Muniz Ferreira	<i>P. megistus</i>	114	2	1,8
125	Muritiba	<i>T. megistus</i>	793	93	11,7
126	Mutuipe	<i>P. megistus</i>	75	6	8,0
127	Nazaré	<i>P. megistus</i>	65	0	0,0
128	Nova Itarana	<i>P. geniculatus</i>	1	0	0,0
129	Nova Soure	<i>T. maculata</i>	4	0	0,0
130	Ondina	<i>T. sordida</i>	1	0	0,0
131	Oliveira dos Brejinho	<i>T. sordida</i>	3	0	0,0
	"		45	2	4,4
132	Ouricangas	<i>P. megistus</i>			
133	Palmas do Monte Alto	<i>T. sordida</i>	62	0	0,0
134	Palmeiras	<i>P. megistus</i>	38	6	15,8
	"	<i>T. sordida</i>	129	0	0,0
135	Paramirim	<i>T. sordida</i>	8	0	0,0
	"	<i>T. infestans</i>	145	5	3,4
136	Paratinga	<i>T. infestans</i>	5	0	0,0
137	Paripiranga	<i>P. megistus</i>	187	16	8,6
138	Paulo Afonso	<i>T. brasiliensis</i>	568	25	4,4
139	Pedrao	<i>P. megistus</i>	109	3	2,8
140	Piatã	<i>P. megistus</i>	16	0	0,0
141	Pindaí	<i>T. infestans</i>	31	1	3,2
142	Pindobaçu	<i>P. megistus</i>	138	14	10,1

TABELA II (continuação)

Nº de ordem	Municípios	Espécies	Número de triat. exam.	Número de triat. posit.	% de infecção natural
143	Piritiba	<i>P. megistus</i>	163	3	1,8
144	Potiraguá	<i>T. sordida</i>	27	0	0,0
145	Presidente Dutra	<i>T. sordida</i>	52	0	0,0
146	Queimadas	<i>T. sordida</i>	15	0	0,0
	"	<i>P. megistus</i>	42	1	2,4
	"	<i>T. brasiliensis</i>	7	0	0,0
147	Remanso	<i>T. maculata</i>	1	0	0,0
	"	<i>T. sordida</i>	127	0	0,0
148	Riachão do Jacuípe	<i>T. maculata</i>	1	0	0,0
149	Riacho de Santana	<i>P. megistus</i>	5	0	0,0
	" " "	<i>T. sordida</i>	47	0	0,0
	" " "	<i>T. infestans</i>	25	0	0,0
150	Rio do Antônio	<i>T. sordida</i>	17	0	0,0
151	Rio do Pires	<i>T. infestans</i>	44	3	6,8
152	Rio Real	<i>P. megistus</i>	77	9	11,7
153	Ruy Barbosa	<i>P. megistus</i>	478	56	11,7
	"	<i>T. sordida</i>	54	0	0,0
154	Salvador	<i>T. rubrofasciata</i>	452	72	16,0
	"	<i>P. megistus</i>	149	24	16,1
155	Santa Luz	<i>P. megistus</i>	33	0	0,0
156	Santa Maria da Vitória	<i>T. sordida</i>	24	2	8,3
157	Santanópolis	<i>P. megistus</i>	2	0	0,0
158	Santa Rita de Cássia	<i>P. megistus</i>	63	1	1,6
159	Santana	<i>P. megistus</i>	414	14	3,4
160	Santa Terezinha	<i>P. megistus</i>	18	0	0,0
161	Santo Amaro	<i>P. megistus</i>	412	58	14,1
162	Santo Antônio de Jesus	<i>P. megistus</i>	308	18	5,8
163	Santo Estevão	<i>P. megistus</i>	353	12	3,4
164	São Desidério	<i>T. sordida</i>	16	1	6,3
165	São Felipe	<i>P. megistus</i>	2.696	543	20,1
	"	<i>Ps. tertius</i> L	736	0	0,0
166	São Félix	<i>P. megistus</i>	140	21	15,0
	"	<i>T. rubrofasciata</i>	4	0	0,0
167	São Francisco do Conde	<i>P. megistus</i>	6	0	0,0
168	São Gonçalo dos Campos	<i>P. megistus</i>	167	13	7,8
	"	<i>P. lutzi</i>	1	0	0,0
169	São Miguel das Matas	<i>P. megistus</i>	94	2	2,1
170	São Roque do Paraguaçu	<i>P. megistus</i>	9	0	0,0
171	São Sebastião do Passé	<i>P. megistus</i>	26	1	3,8
172	Sapeaçu	<i>P. megistus</i>	1.083	189	17,5
173	Saúde	<i>P. megistus</i>	22	1	4,5
174	Seabra	<i>P. megistus</i>	86	0	0,0
	"	<i>T. sordida</i>	212	0	0,0
175	Sebastião Laranjeiras	<i>T. sordida</i>	37	0	0,0
176	Senhor do Bonfim	<i>P. megistus</i>	242	24	10,0
	" " "	<i>T. maculata</i>	5	0	0,0
177	Sento Sé	<i>T. sordida</i>	165	0	0,0
	" " "	<i>T. maculata</i>	224	0	0,0
	" " "	<i>T. brasiliensis</i>	30	12	40,0
	" " "	<i>Ps. tertius</i>	2	0	0,0
178	Serra Dourada	<i>T. sordida</i>	198	6	3,0
179	Serrolândia	<i>P. megistus</i>	21	6	28,6
180	Serra Preta	<i>P. megistus</i>	314	12	3,8
181	Serrinha	<i>P. megistus</i>	7	0	0,0
	"	<i>T. sordida</i>	4	0	0,0
	"	<i>P. genticulatus</i>	1	0	0,0
	"	<i>T. lutzi</i>	6	0	0,0
	"	<i>T. melanocphala</i>	8	0	0,0
182	Simões Filho	<i>P. megistus</i>	1	0	0,0
183	Souto Soares	<i>P. megistus</i>	60	12	20,0

TABELA II (continuação)

Nº de ordem	Municípios	Espécies	Número de triat. exam.	Número de triat. posit.	% de infecção natural
184	Tabocas	<i>Ps. tertius</i>	6	0	0,0
	"	<i>T. infestans</i>	8	0	0,0
	"	<i>T. sordida</i>	191	0	0,0
185	Tanquinho	<i>P. megistus</i>	13	0	0,0
	"	<i>P. geniculatus</i>	1	0	0,0
	"	<i>T. maculata</i>	1	0	0,0
186	Teodoro Sampaio	<i>P. megistus</i>	124	9	7,3
187	Terra Nova	<i>P. megistus</i>	39	0	0,0
188	Tucano	<i>P. megistus</i>	3	0	0,0
	"	<i>T. maculata</i>	2	0	0,0
	"	<i>T. sordida</i>	3	0	0,0
189	Ubaira	<i>P. megistus</i>	2	0	0,0
190	Ubiraitá	<i>P. megistus</i>	11	1	9,0
191	Urandi	<i>T. sordida</i>	15	0	0,0
192	Utinga	<i>P. megistus</i>	82	6	7,3
	"	<i>T. maculata</i>	3	0	0,0
	"	<i>T. sordida</i>	2	0	0,0
193	Valença	<i>P. megistus</i>	46	0	0,0
194	Valente	<i>T. maculata</i>	1	0	0,0
195	Vera Cruz	<i>P. megistus</i>	5	0	0,0
196	Xique-Xique	<i>T. sordida</i>	96	1	1,0
TOTAL			29.156	2.354	8,0

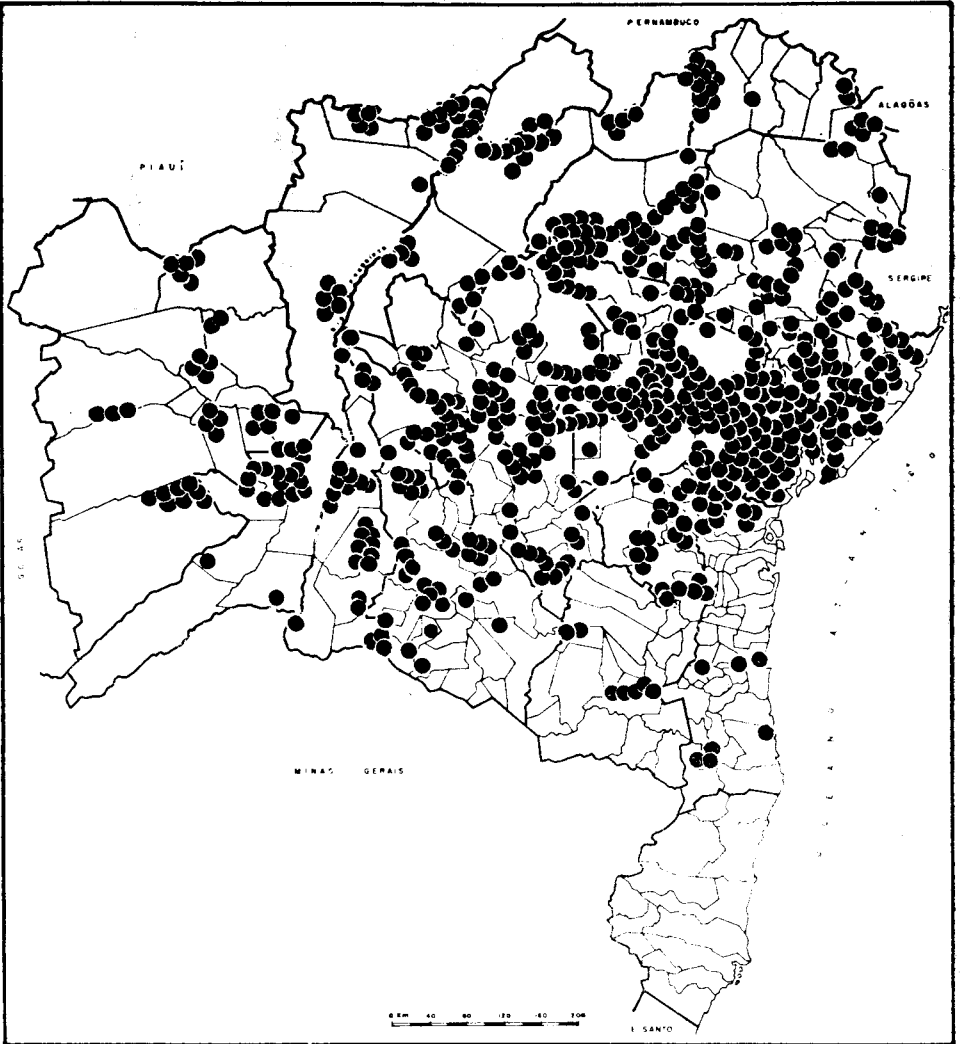


Fig. 1 — Localidades examinadas para triatomíneos (Estado da Bahia).

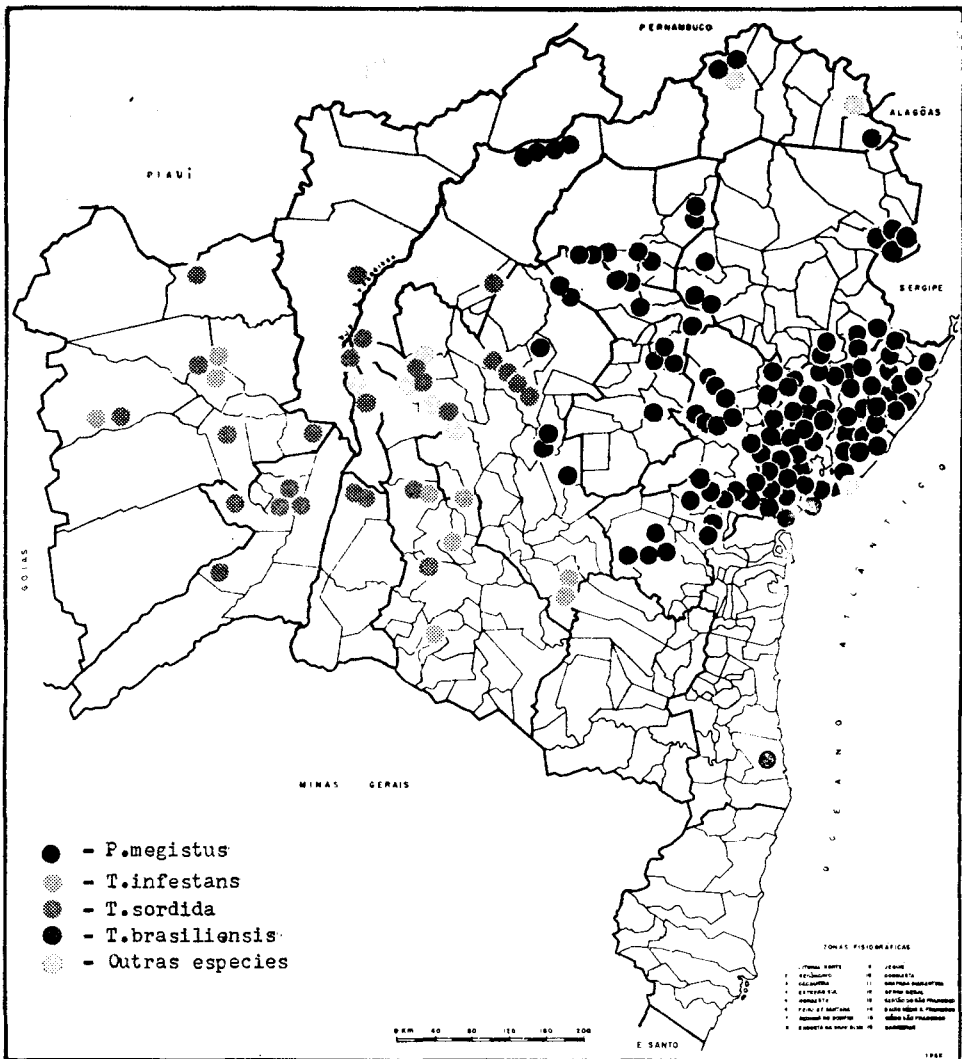


Fig. 2 — Distribuição geográfica específica dos triatomíneos infectados por *T. cruzi* no Estado da Bahia.

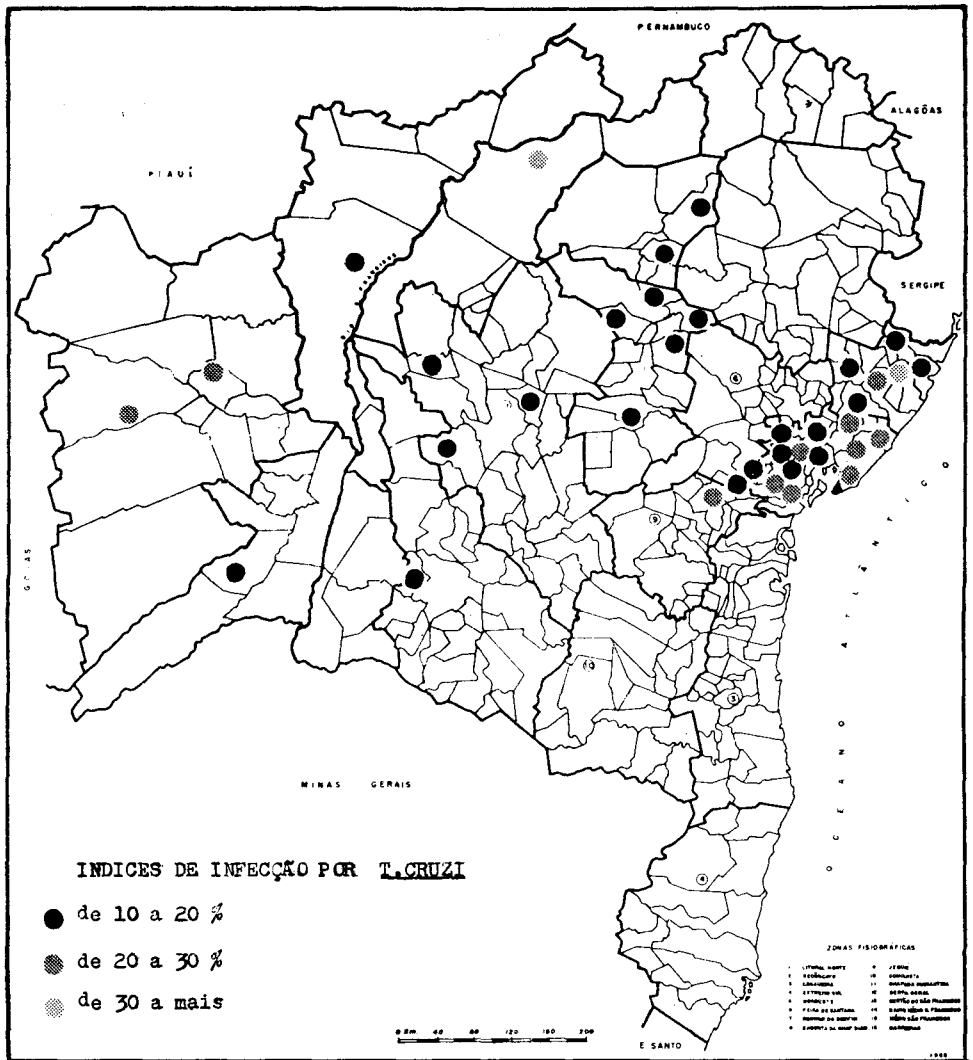


Fig. 3 — Prevalência geográfica da infecção dos triatomíneos pelo *T. cruzi* no Estado da Bahia.